

190 A "Folha" e as respostas da sociedade à crise

Cacique Juruna, doente, pede por sua comunidade

Dia 26 de agosto, a Câmara Municipal de São Paulo recebeu uma visita inesperada: a do cacique Mário Juruna, que viera à Capital para tratamento de saúde. Mesmo doente, Juruna não perdeu a oportunidade de repetir uma ação que já é de conhecimento de todo o País: reivindicar por sua comunidade e pelos índios em geral, que vêm, como milhões de outros brasileiros, enfrentando crises e sofrendo as consequências de atitudes sobre as quais raramente são consultados.

A resposta de Mário Juruna às crises pelas quais passa seu povo baseia-se basicamente num constante proselitismo e em críticas às injustiças. Aos vereadores, disse, da tribuna: "O índio não deve continuar sendo tratado como no passado, quando foi massacrado, empurrado, afastado e teve suas terras roubadas. Está na hora do governo ajudar o índio, dando-lhe trabalho, educação, escolas, hospitais, recursos para a agricultura e informações. Não é justo que o índio fique debaixo da poeira da botina do homem branco."

Ele quer, agora, mais apoio dos políticos à sua luta: "Não é preciso defender o cacique Mário Juruna. É preciso defender o índio e todo o povo brasileiro, o nosso pobre, o favelado. O político não deve aparecer para o pobre só na hora da eleição e, depois, virar as costas. Deve lutar sempre."

E continuou: "Os políticos devem agir junto ao lavrador, junto aos trabalhadores das fábricas e junto aos índios. Não é só o índio que está necessitando de ajuda. Quanta gente em São Paulo não está precisando de emprego? Todos devemos lutar juntos."

Em resposta, Mário Juruna foi saudado pelo vereador Yukishigue Tamura, como "um representante de brasileiros que têm não só 481 anos, mas sim quatro milhões de anos".

A comunidade de Juruna espera que tamanha longevidade seja garantia de que estejam sendo ouvidos com seriedade.



A partir das gravações, o cacique passou a ser figura nacional.

Para lembrar

"A maioria dos movimentos atuais é democrática e é contrária a toda tradição autoritária."

Luis Eduardo Wanderley

sociólogo

"Folha", 07.05.1981



Falar sempre é a sua tática.

Índio deseja respeito, não folclore

MEMÉLIA MOREIRA
da Sucursal de Brasília

Há 98 anos, quando a estrada de ferro Northern Pacific comemorava a colocação do último prego nos dormentes de sua linha transcontinental, que sofrera grandes problemas com a resistência dos Sioux, nos Estados Unidos, um dos empregados da empresa teve a "brilhante idéia" de convidar um líder indígena para fazer o discurso de inauguração. Touro Sentado (Totamka Potamka), dos Hunk-Papa, muito popular entre os Sioux, foi o escolhido. Seu discurso deveria ser landatário, mas ele começou dizendo: "Ódio toda a gente branca." Como a única pessoa branca que entendia suas palavras escamoteou a tradução, o grande chefe acabou aplaudido de pé.

Touro Sentado foi convidado para outras cerimônias e seu sucesso entre os colonizadores americanos estava garantido. A um tal ponto que, no ano seguinte, em 1884, o secretário de Interior dos Estados Unidos autorizou a viagem do chefe a 15 cidades do país. Logo depois, William Cody, o Búfalo Bill, levou Touro Sentado para seu show "Oeste Selvagem". James Mac Laughlin, diretor da agência índia, mostrou-se entusiasmado com a idéia. Ele era um antigo funcionário do Serviço Índio e parte de seu trabalho consistia em vulgarizar a figura de Touro Sentado, para diminuir sua popularidade entre os Sioux.

Permitindo a viagem do chefe Touro Sentado, Mac Laughlin propiciou sua folclorização. Viajando pelos Estados Unidos e Canadá, ele foi vaiado e aplaudido como "o matador de Custer" e, depois de cada espetáculo, o público atirava moedas para o grande líder indígena. Mesmo depois de conhecer a "glória", Touro Sentado ainda tem a lucidez de recusar nova proposta de Búfalo Bill para uma viagem à Europa. "Precisam, agora, de mim aqui", respondeu Totamka Potamka. E voltou para sua tribo.

Essa história é conhecida. Embora Touro Sentado tenha sido um dos maiores defensores dos territórios indígenas nos Estados Unidos, sua imagem está mais ligada às danças e cantos que apresentou no show "Oeste Selvagem" do que à prisão sofrida em Fort Randall. O racismo ajudou a folclorizar aquele que era chefe de uma nação "pela vontade dos grandes espíritos", como ele mesmo dizia aos funcionários do governo norte-americano.

EXOTISMO

Em 1974, com um gravador na mão, comprado numa loja em Cuiabá, pronunciando apenas algumas palavras em português, assustado, desembarcou em Brasília o cacique Xavante Mário Juruna. Não era gordo e estava decidido a desvendar a história da redução territorial sofrida pelos Xavantes de Pimentel Barbosa. Nessa história, os índios perderam 80 mil hectares que foram vendidos pelos então funcionários da Funai. Laia Matar Rodrigues, Getúlio Barros Barreto, Valdeino Lopes e José Quirino, mais tarde indiciados em processo administrativo que os considerou culpados mas não os puniu.

Ele vinha também decidido a recuperar a área de Parabubure, uma reserva de Barra do Garça (MT) onde, na década de 50, os Xavantes foram mortos num massacre e depois instalada a Fazenda Xavantina, cuja sede foi construída sobre um cemitério Xavante.

Com o gravador na mão, Mário Juruna pôde captar toda a conversa do então diretor do Departamento Geral de Planejamento Comunitário-DGPC, da Funai, Francelisio Von Der Brooke, que prometia muito e acusava personalidades do governo. Mário, que na época estava com 32 anos, pegou seu gravador e foi ao Palácio do Planalto. Gravou a conversa dos assessores da Presidência e depois levou para a sala de imprensa. No dia seguinte, todos os jornais estampavam, na íntegra, o surrealismo dessas conversas, acompanhadas de uma extensa entrevista do cacique, onde ele não poupava críticas ao governo, dizendo que "branco promete muito".

Mário começou, então, a fazer sucesso, não apenas pelo tom forte de suas críticas mas, principalmente, por ser "o índio do gravador". Esqueceram que ele denunciava a morte de crianças atacadas de sarampo, a espoliação do território Xavante. O cacique começou a viajar por todo o País. Foi conhecer as diferentes tribos, muitas vezes acompanhado pelo ex-presidente da Funai, general Ismar de Araújo.

GLÓRIA

O "charm" era ser amigo de Mário Juruna, levá-lo a lugares da moda, convidá-lo para jantar, quando era transformado em atração número um. Poucos escaparam ao exotismo de ter como "amigo" um índio que — supremo herói — sabia usar gravador. E a frase foi até popularizada pela televisão: "índio grava tudo". Poucos puderam entender que a chegada de Mário Juruna com seu gravador na mão marcava uma nova fase nas relações Índios/Fundação Nacional do Índio. A fase em que a maioria dos líderes dos diferentes grupos indígenas chegava a Brasília e cobrava dos coronéis e generais as promessas não cumpridas, mas guardadas como documentos, nas fitas cassetes.

Os brancos, entretanto, pagavam um preço para ter a glória de ser amigo de Mário Juruna. Ele, chefe por linhagem e pela força, exigia, para desfilhar na alta sociedade, camisas, sapatos, botas, perfume francês (ele gosta de "Pour un Homme" de Paco Rabanne), passagens aéreas. Não visitou 15 cidades como Touro Sentado. Foi mais longe do que isso. Engordou. Acostumou-se ao consumo e de repente, começou a sentir que estava sendo explorado. Aquela altura, já tinham lhe dito inclusive que mais importante do que ser chefe indígena era ser deputado federal. Demorou um certo tempo para Mário descobrir que a proposta era uma forma de "se aproveitarem de mim", como disse depois, para amigos.

HOLANDA

A descoberta de que estava sendo explorado ocorreu depois da viagem à Holanda, onde fora escolhido presidente de honra do Tribunal Bertrand Russel. Ele chegou ao Brasil e a repercussão da propaganda que fez de um xarope, para a qual recebeu 100 mil cruzeiros, desgastava sua imagem. Mário revoltou-se.

Depois de uma outra peregrinação por algumas cidades brasileiras, Mário retornou triste a Brasília. Anunciavam sua inauguração em escolas de samba, sua inauguração de boates, sua inscrição em cursos de inglês. Ele queria dar um basta nessa publicidade, mas era exatamente o momento em que a Funai deses-

tabilizar a popularidade de Mário Juruna entre os brancos e sua força frente aos índios era ver publicadas diariamente notinhas que mostrassem a "perda de identidade" do cacique. A campanha foi dura e ainda continua. Mas Mário diz que já sabe quem são os autores e trata de se defender.

UMA PESSOA

Mário Juruna, no final das contas, é apenas uma pessoa, um homem como qualquer outro que está aprendendo a conviver com a sociedade do homem branco. E que luta por sua comunidade.

Como chefe de nação indígena, Juruna faz também a sua política: logo que chega a Brasília, pendura-se no telefone mais próximo e, literalmente, comunica-se com o mundo inteiro. Pede dinheiro para sua comunidade e para si mesmo, discute os problemas de todos os índios do Brasil e está sempre disposto a assumir qualquer denúncia de atentados contra os direitos desses 220 mil índios brasileiros. Não bebe, não fuma e come a mesma quantidade que qualquer homem de sua estatura e atividade comeria e não 30 ovos, dez bifês, dois frangos, em um almoço, como já foi divulgado por uma revista. E um ser humano e seu estômago não teria capacidade para ingerir todas as quantidades publicadas. Engordou, porque a idade e a diminuição de exercício físicos faz isso com qualquer um.

Não gosta dos missionários porque, diz ele, "esses padres fazem tudo o que a Funai quer". E tem um grande sonho: reunir os quase três mil xavantes em uma única reserva, grande o suficiente para abrigar o crescimento de uma nação que se desenvolve contra todos os fazendeiros, toda a política que pretende transformar os índios em meros agricultores ou bóias-frias das fazendas que se expandem nas fronteiras das reservas indígenas.

CONTINUA

Pai de cinco filhos, Mário Juruna, como os pais índios, tem a paciência de ficar acordado a noite quando uma criança doente chora e lhe contar histórias até dormir. Acorda cedo, toma tantos banhos quanta forem precisos, seguindo um velho costume índio, e fica perplexo quando percebe que foi enganado.

Embora nos últimos seis anos essa perplexidade tenha se transformado em revolta, ele ainda demora a entender o por que de todos os acontecimentos que terminam prejudicando os índios, como por exemplo as recentes reduções territoriais impostas aos Tupiniquins, que perderam 700 hectares de terra para a Aracruz Celulose em Cateiras Velhas (ES), os Tapirapé que perderam dois pastos para a fazenda Tapiraguá, em Santa Terezinha (MT) ou a morte de 25 Yanomani, em Roraima.

Cacique por linhagem, ou seja, descendente de chefes, e pela força, o que significa que venceu seus concorrentes em provas difíceis como a corrida de toras de buriti, Mário Juruna dirige hoje uma pequena comunidade, Namukurá, parte da reserva de São Marcos, em Barra do Garça (MT). São 178 índios, pobres, quase famintos. Vendo o luxo em que vivem os homens que são tutores dos índios e a quase inutilidade de sua campanha, Mário às vezes desabafa: "Estou cansado, acho que não adianta ficar brigando. Vou parar." Quando acordar, recomença toda sua luta, pelos quatro cantos do País.